

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE AGRONOMIA**

JÉSSICA THAÍS AGNOLETTO

**IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 SOBRE A PRODUÇÃO
E COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS EM CHAPECÓ - SC**

CHAPECÓ

2021

JÉSSICA THAÍS AGNOLETTO

**IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 SOBRE A PRODUÇÃO
E COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS EM CHAPECÓ - SC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. João Guilherme Dal Belo Leite

CHAPECÓ

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Agnoletto, Jéssica Thaís

Impactos da pandemia de COVID-19 sobre a produção e comercialização de alimentos orgânicos em Chapecó - SC / Jéssica Thaís Agnoletto. -- 2021.

38 f.

Orientador: Doutor João Guilherme Dal Belo Leite

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Bacharelado em Agronomia, Chapecó, SC, 2021.

1. Feiras livres. 2. Agricultura familiar. 3. Desenvolvimento rural sustentável. I. Leite, João Guilherme Dal Belo, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

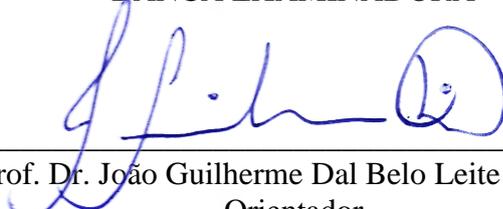
JÉSSICA THAÍS AGNOLETTO

**IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 SOBRE A PRODUÇÃO
E COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS EM CHAPECÓ - SC**

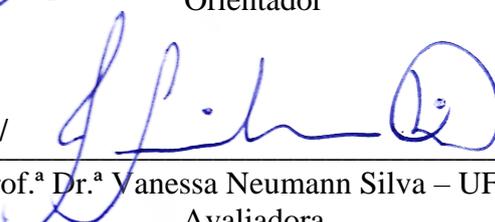
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Bacharel.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 27/09/2021.

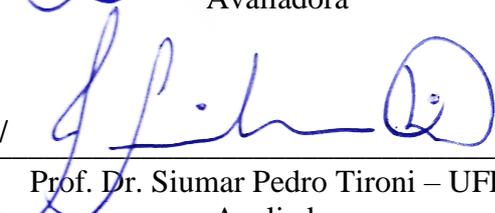
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Guilherme Dal Belo Leite – UFFS
Orientador

P/ 

Prof.ª Dr.ª Vanessa Neumann Silva – UFFS
Avaliadora

P/ 

Prof. Dr. Siumar Pedro Tironi – UFFS
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela saúde, força e esperança, por guiar os meus caminhos com sabedoria para que eu realizasse esse sonho.

A toda minha família, em especial ao meu pai Francisco e minha mãe Alice, pelo amor e apoio incondicional desde o início desta caminhada.

As minhas irmãs amadas pelo cuidado, incentivo e pelas palavras de apoio e amor recebidas nos momentos difíceis.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas, que trazem luz, amor e alegria aos meus dias.

Ao meu noivo Renato pelo amor, incentivo e paciência, principalmente nos dias difíceis me ajudando a ter forças para não desistir.

Aos professores da Universidade Federal da Fronteira Sul, que contribuíram para minha formação profissional e pessoal, em especial, ao Prof. Dr. João Guilherme Dal Belo Leite, por me orientar em um momento tão importante da minha vida acadêmica. Agradeço pela sua atenção, paciência e dedicação durante o período de elaboração e conclusão deste estudo.

Aos meus amigos da graduação, que estiveram ao meu lado em todos os momentos, o meu muito obrigado pela parceria e pela amizade, guardarei vocês no meu coração.

Agradeço a participação colaborativa dos produtores orgânicos da cidade de Chapecó-SC, que tornaram possível a realização dessa pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma ou outra contribuíram para a conclusão de mais uma etapa da minha formação acadêmica.

Nunca, jamais desanimeis, embora venham ventos contrários.” (SANTA PAULINA).

RESUMO

A produção de orgânicos pela agricultura familiar cresce gradativamente ao longo dos anos. O estado de Santa Catarina é um dos maiores produtores de orgânicos, sendo considerado um grande distribuidor e consumidor desses produtos. Na cidade de Chapecó-SC, a produção e comercialização de alimentos orgânicos têm evoluído, impulsionada pela procura da população por produtos mais nutritivos, saudáveis e livres de agrotóxicos. O principal meio de comercialização desses produtos são as feiras locais, as quais movimentam a economia e são uma alternativa de renda aos agricultores familiares. O objetivo deste trabalho é caracterizar e identificar os principais impactos da pandemia de Covid-19 sobre a produção de produtos orgânicos na cidade de Chapecó-SC. A pesquisa foi realizada no período de janeiro a fevereiro de 2021, no município de Chapecó-SC. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas remotas com produtores orgânicos que atuam nas feiras livres do município ($n=8$). Os resultados indicam que os produtores orgânicos são caracterizados pela agricultura familiar e pela consciência socioambiental. A produção orgânica também é uma alternativa para geração de renda e o fortalecimento da relação com os consumidores. O estudo também identificou uma tendência de aumento da demanda por produtos orgânicos, puxada pela procura por alimentos mais saudáveis e livres de agrotóxicos, particularmente durante a pandemia de Covid-19. A expansão do mercado de orgânicos, no entanto, depende de estratégias e políticas públicas para promover a produção, com foco na assistência técnica e eficiência produtiva. A pandemia de Covid-19 afetou diretamente os agricultores familiares, principalmente aqueles que comercializavam seus produtos em mercados locais e institucionais, com prejuízo às vendas e a renda familiar. Porém, alguns produtores se reinventaram através da adoção de novas formas de comercialização.

Palavras-chave: Feiras livres. Agricultura familiar. Desenvolvimento rural sustentável.

ABSTRACT

The production of organics by family farms gradually grows over the years. The state of Santa Catarina is one of the largest producers of organic products, being considered a major distributor and consumer of these products. In the city of Chapecó-SC, the production and sale of organic food has evolved, driven by the population's demand for more nutritious, healthy and pesticide-free products. The main means of marketing these products are through local agriculture markets, which move the economy and are an income alternative for family farmers. The objective of this work is to characterize and identify the main impacts of the Covid -19 pandemic on the production of organic products in the city of Chapecó-SC. The survey was conducted from January to February 2021, in the municipality of Chapecó-SC. Data collection was carried out through remote interviews with organic producers that sell their products in agricultural markets in the city (n=8). The results indicate that organic producers are characterized by family farming and socio-environmental awareness. Organic production is also an alternative for generating income and strengthening the relationship with consumers. The study also identified an increasing demand for organic products, driven by the demand for healthier and pesticide-free foods, particularly during the Covid-19 pandemic. The expansion of the organic market, however, depends on strategies and public policies to promote production, with a focus on technical assistance and production efficiency. The Covid-19 pandemic directly affected family farmers, especially those who sold their products in local and institutional markets, with loss of sales and family income. However, some farmers have reinvented themselves by adopting new forms of commercialization.

Keywords: Agricultural markets. Family farming. Sustainable rural development.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Produtos comercializados nas feiras livres de Chapecó-SC antes da certificação orgânica.....	21
Figura 2- Avaliação da assistência técnica recebida após a certificação orgânica em Chapecó-SC.....	25
Figura 3- Redução nas vendas nas feiras livres de Chapecó durante a pandemia.	26
Figura 4 - Redução da renda dos feirantes durante a pandemia de COVID-19.....	27

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Início da comercialização nas feiras livres de Chapecó	20
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAO Associação da Agricultura Orgânica

APACO Associação de Pequenos Agricultores do Oeste Catarinense

ECOVIDA Rede Ecovida de Agroecologia

EPAGRI Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural

MAPA Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

ORGANIS Conselho Nacional da Produção Orgânica e Sustentável

PAA Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar

PNAE Programa Nacional de Alimentação Escolar

MEC Ministério da Educação

SC Santa Catarina

SEDEMA Secretaria de Desenvolvimento Rural e Sustentável

UFFS Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	OBJETIVOS.....	13
1.1.1	Objetivo geral	13
<i>1.1.1.1</i>	<i>Objetivos específicos.....</i>	<i>13</i>
2	REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1	ALIMENTOS ORGÂNICOS	14
2.2	AGRICULTURA FAMILIAR.....	15
2.3	PANDEMIA E A AGRICULTURA.....	16
3	METODOLOGIA	17
3.1	CARACTERÍSTICA DA PESQUISA	18
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS.....	30
	APÊNDICE A – Questionário Produtores	35

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da agricultura impulsiona a produção de alimentos, porém, em muitos casos, promove danos à saúde humana e ao meio ambiente (ALVES et al., 2012).

O consumo de orgânicos em todo mundo cresce com a busca por alimentos que propiciam saúde e bem-estar associado ao menor risco de contaminação alimentar com agrotóxicos (DIAS, 2015).

O Brasil ocupa a quinta maior área orgânica do mundo, com aproximadamente 1,77 milhão de hectares cultivados (HLEBOSKI, 2018). Segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2019), o número de propriedades orgânicas cresceu 300% entre 2010 e 2018. No ano de 2019, foram registrados 17,7 mil produtores orgânicos, com 22 mil unidades produtivas. Aproximadamente 90% dos produtores orgânicos são da agricultura familiar, a maioria está concentrada na região Sul do país e possui vínculo com cooperativas e associações (BORGUINI e TORRES, 2006).

Segundo dados da Comissão da Produção Orgânica de Santa Catarina, através de um levantamento realizado em parceria com a Superintendência Federal da Agricultura em Santa Catarina (SFA/SC), Santa Catarina é o quarto produtor nacional de orgânicos, com 1.275 Unidades de Produção Orgânica (EPAGRI, 2019).

Em 2020, o consumo de orgânicos no Brasil cresceu aproximadamente 30% (ORGANIS, 2020). O aumento da demanda está associado a mudança de hábitos alimentares e busca por alimentos mais saudáveis durante a pandemia de Covid-19. Durante o período de isolamento social, muitas pessoas que costumavam se alimentar fora do lar passaram a preparar suas refeições, o que promoveu o consumo de alimentos in natura (frutas e legumes) e produtos orgânicos (PASQUALOTTO, 2020).

Porém, o aumento do desemprego no Brasil resultou na diminuição do poder de compra dos consumidores e o fechamento de mercados tradicionais de comercialização. Os agricultores familiares foram afetados diretamente pois dependem da venda de seus produtos em cadeias curtas de comercialização e em mercados locais (FAVARETO e CAVALCANTE FILHO, 2020). De acordo com Schneider et al. (2020) as principais dificuldades enfrentadas pelos agricultores durante a pandemia de Covid-19 estão relacionadas ao estoque de produtos (falta de local para armazenamento e dificuldades na logística), o impedimento da comercialização e distribuição, além das dificuldades econômicas como acesso a capital financeiro e diminuição de vendas e da renda familiar e o acesso a insumos necessários para a produção.

O principal objetivo deste estudo foi caracterizar e identificar os principais impactos da pandemia de Covid-19 sobre a produção e comercialização de produtos orgânicos nas feiras livres de Chapecó-SC. O trabalho está estruturado em quatro partes principais. A primeira apresenta elementos introdutórios, objetivos e revisa a literatura sobre o tema. A segunda parte apresenta a metodologia, indicando o percurso metodológico para o desenvolvimento da pesquisa e a tramitação no Conselho de Ética em Pesquisa. Na terceira são abordados os resultados e a discussão sobre os impactos da pandemia de Covid-19 sobre a produção e comercialização de orgânicos em Chapecó-SC. Finalmente, a última parte apresenta as considerações finais do estudo.

1.1 OBJETIVOS

Nesta seção são apresentados os objetivos do trabalho.

1.1.1 Objetivo geral

Caracterizar e identificar os principais impactos da pandemia de Covid-19 na produção e comercialização de produtos orgânicos na cidade de Chapecó-SC.

1.1.1.1 Objetivos específicos

- a) Identificar o perfil dos produtores orgânicos com atuação nas feiras livres da cidade de Chapecó-SC.
- b) Avaliar a evolução da produção de produtos orgânicos comercializados em feiras livres.
- c) Identificar perspectivas (tendências) ao mercado de produtos orgânicos, principalmente quanto ao volume comercializado e os principais produtos.
- d) Identificar os principais impactos da pandemia de Covid-19 sobre a produção e comercialização de produtos orgânicos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ALIMENTOS ORGÂNICOS

A demanda por mudança nos sistemas de produção agrícola ganhou força a partir da década de 1920, quando estudiosos e agricultores perceberam a insustentabilidade das formas de cultivo adotadas até aquele momento. Assim surgiu a necessidade de um novo sistema de produção, voltado à recuperação dos impactos causados no meio rural (SILVA, 2008).

A agricultura orgânica tem como objetivo a recomposição da dinâmica ecológica, utilizando-se de sistemas que reconhecem a biodiversidade como também a aplicação de rotação e consórcio de culturas. O controle de doenças e pragas são realizados de forma integrada por intermédio de métodos naturais como o controle biológico e associação de culturas. Os benefícios desse sistema de produção são inúmeros, tanto para o meio ambiente como para a saúde das famílias consumidoras dos produtos. Também promove a economia local e otimiza a utilização de mão de obra da propriedade rural. Segundo Guanziroli e Cardim (2000), a produção orgânica possibilita aos pequenos agricultores o desenvolvimento de uma atividade economicamente viável, ambientalmente correta e socialmente justa.

A produção orgânica deve observar práticas específicas comprometidas com a sustentabilidade, o que inclui o uso racional da água de irrigação; rotação de culturas e cobertura morta; uso de adubação verde para fixação de nitrogênio; manejo mínimo adequado do solo com plantio direto, curvas de níveis, uso de húmus com diferentes graus de fertilidade; uso de compostagem de matéria orgânica e cultivos protegidos para controle de umidade, temperatura e luminosidade (AAO, 2021).

Segundo Willer e Lernoud (2019), a partir dos anos 1970 a agricultura orgânica mundial ganhou força com o aumento no consumo dos produtos nos países europeus, asiáticos e norte-americanos. A China é o quarto maior produtor de orgânicos desde 2013, atrás dos Estados Unidos, França e Alemanha. Mesmo com um crescimento expressivo em diferentes locais do mundo, alguns desafios precisam ser enfrentados como, a grande concentração da demanda mundial, a normatização dos critérios de certificação e os incrementos nas áreas de solo cultivável.

No Brasil o crescimento é mais lento quando comparado ao mercado europeu e norte-americano. Os principais desafios são a predominância de monocultivos e concentração de terras. O cerne do movimento orgânico no país começou ao final da década de 1970, quando

houve uma busca acentuada de soluções através de várias organizações não governamentais juntamente com agricultores familiares e movimentos sociais (ROSA, 2007). Entre 2010 e 2018, o número de unidades de produção orgânica no país cresceu em média 19% ao ano, de cinco mil em 2010 para aproximadamente 22 mil em 2018 (IPEA, 2020).

A legislação que trata sobre agricultura orgânica no Brasil engloba diferentes sistemas alternativos à agricultura convencional como: natural, biodinâmico, ecológico, permacultura, agroecológico etc (BRASIL, 2017). De acordo com Schmitt et al., (2017), o Brasil ficou conhecido internacionalmente como um dos países que passou por grande progresso na comercialização e produção orgânica.

Os agricultores orgânicos brasileiros estão concentrados na região Sul do país e são caracterizados pela predominância da agricultura familiar, com ampla variedade de produtos comercializados na propriedade rural, em feiras livres, no varejo ou através de compras institucionais (e.g., PNAE) (ZOLDAN e MIOR, 2012).

Karam e Zoldan (2003) ressaltam as características favoráveis de Santa Catarina para a produção de produtos orgânicos como solos e relevo adequados, diversidade territorial, cultural e social. Porém, a produção ainda é relativamente pequena e, em muitos casos, compete com a agricultura convencional.

2.2 AGRICULTURA FAMILIAR

No Brasil a agricultura familiar representa 84% do total dos estabelecimentos agropecuários e responde por 34% do total das receitas do agronegócio nacional. As propriedades não familiares são 16%, mas ocupam áreas maiores de terras (76%) agregando maior valor da receita e da produção (SCHNEIDER e CASSOL, 2013).

A agricultura familiar caracteriza-se pela gestão de base familiar das atividades realizadas no estabelecimento rural (FAO, 2018). Segundo Wanderley (2009) o produtor familiar tem uma relação próxima com a terra, pois ela é sua moradia e seu local de trabalho, fazendo assim com que busque alternativas sustentáveis para sua subsistência.

O termo “agricultura familiar” ganhou força no meio científico e político a partir do resgate do papel dos movimentos sindicais, após o término da ditadura militar, pela atuação de pesquisadores e acadêmicos no início dos anos 1990 e através de políticas públicas voltadas para redução da pobreza no campo e desenvolvimento rural (MATTEI, 2014).

Schneider e Cassol (2013) classificam a agricultura familiar em três tipos: i. agricultura familiar especializada (agricultura é a principal fonte de renda); ii. agricultura com múltiplas fontes de ingresso (a receita agrícola não é a principal fonte de renda); e iii. agricultura familiar de residentes rurais (residem no espaço rural, com produção para o autoconsumo).

No Oeste Catarinense a agricultura familiar possui grande influência na economia e na formação social da região, devido a extração de madeira e erva mate (processo de colonização), culminando em atividade agropecuária mercantil altamente qualificada, caracterizada pela produção de grãos, suinocultura, avicultura e bovinocultura leiteira (KONRAD, 2012). De acordo com Marques e Mello (2009), as feiras livres de produtos coloniais e agroecológicos iniciaram na década de 1990 em Chapecó, depois que uma crise no setor pecuário afetou a economia do município. A criação das feiras teve como objetivo principal promover o desenvolvimento rural, através da valorização da agricultura familiar.

Consideradas como um novo modelo de abastecimento, as cadeias curtas de comercialização, como as feiras livres, unem produtores e consumidores através da produção e comercialização de alimentos produzidos por agricultores locais. A criação das cadeias curtas contribui para a redução das cadeias convencionais de distribuição, pois permite a criação de uma relação direta entre produtores e consumidores, formando uma nova relação entre oferta e demanda (VERANO et al., 2021). De acordo com Darolt et. al. (2016) as feiras livres são consideradas o principal canal curto de comercialização dos municípios. Pozzebon et al. (2016, p. 417) afirma que: “[...] os circuitos curtos contemplam as formas mais tradicionais de comercialização, como a venda direta na propriedade, em feiras livres, bem como a entrega e venda em domicílio.” Segundo Hleboski (2018), a maioria dos consumidores da cidade de Chapecó-SC compram os produtos orgânicos diretamente do produtor rural. Adicionalmente, as feiras livres promovem a oferta de produtos diversificados e frescos, com preços acessíveis ao consumidor e atrativos aos produtores rurais (pela exclusão dos atravessadores) (POZZEBON et al., 2016).

2.3 PANDEMIA E A AGRICULTURA

No Brasil assim como em todos os países, a pandemia do Covid-19 causou efeitos significativos sobre a produção, distribuição e comercialização de alimentos, pela contaminação de pessoas e pelos impactos do isolamento social sobre as escolhas dos

consumidores, além de limitar funcionamento de estruturas de comercialização (p.ex. feiras livres e escolas). Na agricultura familiar e no agronegócio brasileiro, foram diversos desafios a serem superados, principalmente em relação à oferta e à demanda de produtos e serviços. Os efeitos da pandemia atingiram de maneira direta a oferta de produtos dos pequenos produtores rurais e dos pequenos comércios locais (fechamento imposto pelo isolamento social). Muitos produtores rurais não puderam colher a safra por falta de compradores, e algumas unidades agroindustriais fecharam devido ao alto nível de contaminação entre seus colaboradores (SCHNEIDER et al., 2020).

Durante a pandemia de Covid-19, 70% dos agricultores familiares da América Latina e Caribe apresentaram diminuição das receitas em decorrência do adiamento das atividades comerciais. Segundo BID (2020) muitos produtores precisaram recorrer a poupança ou serviços de créditos para enfrentar a crise sanitária.

Segundo Del Grossi (2020) no mês de maio de 2020 cerca de 51% dos produtos familiares brasileiros mostraram diminuição de receita, com perda em torno de 35% da renda bruta. Nos estados de São Paulo, Roraima, Rio Grande do Sul, Distrito Federal e no Amapá a renda bruta das famílias reduziu 40%. A redução da renda compromete a capacidade dos agricultores realizar investimentos e compromete a competitividade da agricultura familiar no médio a longo prazo.

Muitos países optaram por restringir atividades comerciais como forma de combater a contaminação. No Brasil houve interrupção de feiras e comércios locais de venda de alimentos industrializados e frescos. Houve também a suspensão de atividades escolares, gerando impacto direto no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), refletindo diretamente sobre a agricultura familiar (SCHNEIDER et al., 2020).

A pandemia também afetou as escolhas dos consumidores, promovendo a demanda por alimentos saudáveis. Nos Estados Unidos aumentou a venda de produtos orgânicos para o preparo de alimentos na residência (OTA, 2020).

3 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos utilizados para a realização deste trabalho serão apresentados nesse tópico, abordando o método de pesquisa, a composição dos participantes, a forma da coleta de dados e a análise dos dados.

3.1 CARACTERÍSTICA DA PESQUISA

Segundo Yin (2001) a pesquisa científica pode ser realizada a partir de diversas estratégias metodológicas, tais como: levantamentos, experimentos, estudos de caso, análise de informações em arquivos etc. A escolha do método, portanto, deve ser compatível com as especificidades do objeto estudado e com os objetivos da pesquisa.

Neste trabalho o método escolhido foi o estudo de caso, o qual permite uma investigação empírica para analisar determinados fenômenos dentro do contexto de vida real (YIN, 2001).

A pesquisa tem caráter exploratório e utilizou informações quantitativas e qualitativas para descrição do estudo de caso e análise do objeto em estudo.

3.1.1. COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa foi realizada no período de janeiro a fevereiro de 2021, no município de Chapecó-SC. O estudo considerou uma população de dez produtores rurais (100% dos feirantes com certificação orgânica ativa em Chapecó). O acesso aos agricultores certificados se deu através da Associação de Pequenos Agricultores do Oeste Catarinense (APACO). Desde a sua criação em novembro de 1989, a APACO atua como uma organização não-governamental com foco no desenvolvimento rural sustentável e solidário da agricultura familiar (BADALOTTI, 2003). Através de seu projeto de certificação, a APACO capacita os agricultores familiares com novas técnicas, manejos de solo e de cultivo agrícola voltados para a produção orgânica (MATTOS, 2019). Adicionalmente, a APACO coordena o núcleo do Oeste Catarinense da Rede Ecovida de certificação participativa (APACO, 2021).

A amostra foi composta por agricultores que produzem e necessariamente comercializam produtos orgânicos certificados nas feiras livres no município de Chapecó (SC). Conforme dados da APACO, existem 10 agricultores com certificação orgânica ativa no município. Destes, duas famílias ainda não comercializam nas feiras livres do município. Portanto, a amostra final resultou em oito famílias.

Um questionário semiestruturado (Apêndice A), contendo dezessete questões, foi utilizado para coleta de informações sobre produção e comercialização de produtos orgânicos, além dos impactos da pandemia, processo de certificação e assistência técnica.

As entrevistas foram realizadas de forma remota (online) com duração média de 15 a 30 minutos. Os participantes foram convidados para participar da pesquisa através de mensagens

via aplicativo, juntamente com o questionário para avaliarem a possibilidade de participarem da pesquisa. As entrevistas foram feitas após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e confirmação dos entrevistados aceitando participar da pesquisa de forma voluntária.

As respostas foram registradas em arquivos de áudio para posteriormente serem transcritas e transferidas para planilhas eletrônicas utilizadas no processo de sistematização e análise das informações coletadas.

O projeto de pesquisa, bem como as questões para a coleta de dados foram previamente aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul (CAAE: 12529719.4.0000.5564). Os nomes dos participantes foram ocultados, sendo referidos nos resultados, quando necessário, por letras e/ou números para preservar a sua identidade, conforme a orientação do Comitê de Ética.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta o ano em que os produtores iniciaram a comercialização na feira livre de Chapecó e, posteriormente, a certificação orgânica. A comercialização iniciou na década de 1990 (entre 1991 e 1997) com quatro famílias. Outras quatro iniciaram a comercialização entre 2006 e 2014. Sobre o processo de certificação, algumas famílias levaram mais tempo para se adequar as exigências de acordo com a legislação de orgânicos, pois o processo para migrar do sistema convencional para o orgânico é mais complexo. Adicionalmente, o marco legal para certificação de alimentos orgânicos é de 2003 com a lei 10.831, o que dificultou o processo de certificação em períodos anteriores.

Tabela 1 – Ano do início da comercialização nas feiras livres de Chapecó e certificação orgânica.

Família	Ano de início da comercialização	Ano de certificação
1	1991	2015
2	1991	1999
3	1994	2002
4	1997	2010
5	2006	2008
6	2011	2014
7	2012	2012
8	2014	2015

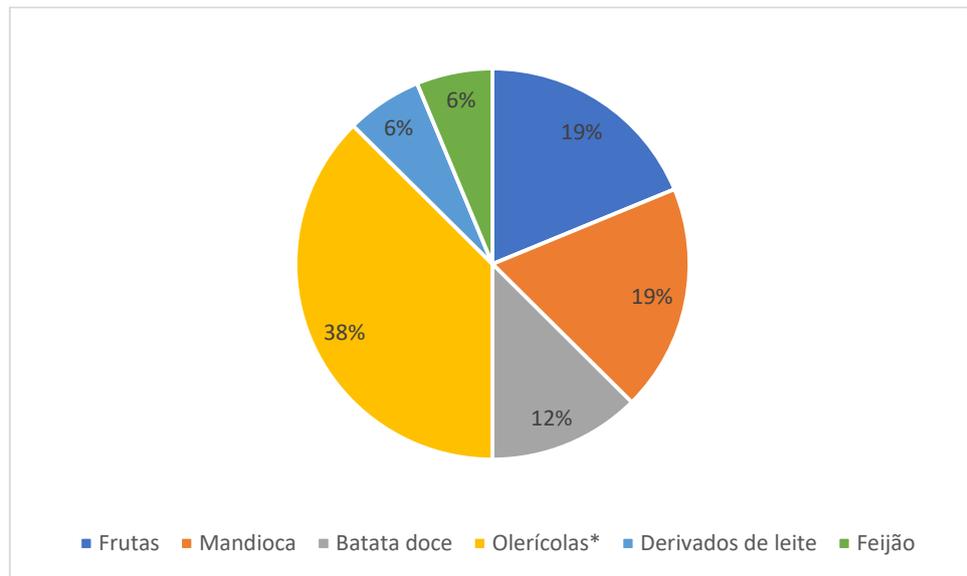
Fonte: Elaborado pela autora.

As Feiras Livres de Produtos Coloniais e Agroecológicos de Chapecó foram criadas a partir de um projeto público voltado para a agricultura familiar na década de 90, com o intuito de assegurar a permanência dos pequenos agricultores familiares na atividade agrícola (SEDEMA, 1997). O projeto foi criado com a parceria do poder público através da Secretaria de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente (SEDEMA) de Chapecó, os agricultores com cadastro na prefeitura e os consumidores da cidade (PAVAN e JUNIOR, 2017). As feiras livres proporcionaram aos agricultores familiares uma alternativa para comercialização de seus produtos. Porém, a estrutura física dos espaços de comercialização, o aluguel do espaço e a divulgação das feiras são desafios aos feirantes (FOSSÁ, et al., 2018). Na cidade de Chapecó, a feira é o principal canal de comercialização dos produtores de orgânicos (CAVALLET, 2015).

Entre os agricultores entrevistados, os produtos orgânicos são comercializados em três locais: dois localizados no Centro da cidade e um no bairro São Cristóvão. Os agricultores também comercializam seus produtos em outros locais como: fruteiras, casa do orgânico e supermercados da cidade. Além da distribuição de alimentos para escolas através do PAA e PNAE e entregas através do delivery.

Nos primeiros anos de comercialização nas feiras livres de Chapecó, os principais produtos comercializados foram as olerícolas, com destaque para a alface, almeirão, chicória, couve, tomate, tempero verde e rúcula, além de frutas e mandioca. Além de produtos de origem animal, como leite e queijo colonial (Figura 1).

Figura 1 - Produtos comercializados nas feiras livres de Chapecó-SC antes da certificação orgânica.



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Em 2021, a partir da coleta de dados, observou-se que os produtos com certificação orgânica comercializados nas feiras livres pelos agricultores que participaram da pesquisa são olerícolas, frutas e sucos. No grupo das olerícolas, as principais são alface, almeirão, agrião, batata-doce, beterraba, brócolis, chicória, couve, couve-flor, mandioca, morango, pepino, rúcula, tomate, tempero verde e vagem. Em seguida, no grupo das frutas, os produtores citaram amora, banana, bergamota, caqui, framboesa, laranja, limão e uva. Em relação aos sucos foram citados, suco de laranja, caldo de cana e suco de uva. Além das feiras livres, alguns produtos também são comercializados em supermercados, mercados institucionais e nas propriedades dos agricultores.

Segundo dados da EPAGRI, o número de produtores de orgânicos cresceu 12,9% entre 2017 e 2018 no estado de Santa Catarina. Destaque para os produtos hortícolas, que correspondem por grande parte valor total da produção. A alface é o principal produto orgânico comercializado, com um valor total de R\$ 2,8 milhões, representando 22,4% do total comercializado (ZOLDAN e MIOR, 2012). Em 2017, o Conselho Brasileiro da Produção Orgânica e Sustentável (ORGANIS) e o Instituto de Pesquisa e Opinião Pública Market Analysis, constatou que a maioria dos consumidores brasileiros têm preferência pelo consumo de verduras (63%) e frutas e legumes (25%) orgânicos. Na pesquisa também foi observado que o maior consumo de produtos orgânicos está concentrado na região Sul do Brasil (HLEBOSKI, 2018).

Todos os produtores entrevistados acreditam que a oferta de produtos orgânicos está aumentando em resposta ao aumento da demanda. Segundo Gottschalk e Leistner (2013), o aumento da demanda por produtos orgânicos é uma tendência mundial associada a qualidade de vida e preservação ambiental. Adicionalmente, no período de pandemia, foi notável o aumento no consumo de produtos orgânicos puxado pela preocupação com a alimentação saudável e o fortalecimento do sistema imunológico (PASQUALOTTO, 2020).

Em termos quantitativos, 75% dos produtores responderam que sua produção orgânica atende à demanda da feira e 25% responderam que não atendem à demanda (por falta de mão de obra). A escassez de mão de obra é uma reclamação comum entre os feirantes, mesmo entre aqueles que atendem à demanda da feira. De acordo com Koswoski e Cericato (2016), a falta de mão de obra é uma das principais limitações para a produção orgânica. Essa limitação faz com que muitos produtores desistam ou não expandam a atividade. A produção orgânica demanda maior quantidade de mão de obra, quando comparada com a produção convencional. Frequentemente, o aumento da demanda de mão de obra está associado ao controle manual de plantas espontâneas e o aumento da frequência de práticas de manejo fitossanitário (p.ex. monitoramento, controle, rotação de culturas). Os produtores orgânicos dependem da mão de obra familiar, porém tendem a buscar mão de obra externa nas fases mais trabalhosas do ciclo produtivo, mas nem sempre a mão de obra externa é qualificada ou está disponível (PERON et al., 2018).

Embora haja capacidade para expandir a produção de alimentos orgânicos, a maioria dos produtores rurais (87%) destaca a falta de mão de obra como principal empecilho, seguida de limitações climáticas e pragas (13%). Similarmente, Silva (2007) encontrou em sua pesquisa que 44% dos agricultores relatavam a falta de mão de obra como principal limitante na produção agrícola familiar.

Os feirantes também são unânimes quanto a expectativa de aumento da demanda por produtos orgânicos. Novamente foram citados como principais causas a pandemia e a tendência pelo consumo de alimentos saudáveis, incluindo produtos frescos e sem agrotóxicos. O relato a seguir demonstra tal afirmação.

“Eu acho que a tendência é aumentar, porque conversando com várias pessoas, tem aqueles que ainda não tem conhecimento sobre produtos orgânicos e não tem o hábito de consumo, mas devagarinho estão conhecendo e comprando. Pois a saúde (da população) não está boa, e já imaginou comer um produto com veneno, e vendendo produto orgânico estamos vendendo saúde também, é um produto natural, utilizamos apenas adubo orgânico. Então temos um cuidado extremo na produção, porque o que não quero pra mim não quero pro cliente, então temos que ter consciência” (Entrevistado A - Produtor).

A maioria dos feirantes (6 de 8) têm interesse em incluir outros produtos, tais como abacate, amora, arroz, caqui, feijão, laranja, pêsego e sucos, de laranja e uva. No caso da amora, o interesse reside sobre a fabricação da geleia, pois o mercado de geleias de frutas está crescendo.

Quando questionados sobre as vantagens da comercialização de produtos orgânicos na feira, os produtores destacaram a entrega do produto fresco direto ao consumidor e a construção de uma relação de confiança. De acordo com Fonseca et al. (2009), ao comercializar na feira o produtor orgânico se sente mais valorizado, pois os consumidores criam uma relação de fidelidade, sentindo-se seguros ao comprar um produto de qualidade, conhecendo a origem do alimento e sabendo da preocupação dos produtores em relação ao meio ambiente e bem-estar humano.

Também apontaram a importância de um ponto fixo para comercialização e a satisfação por produzir um alimento saudável, livre de agrotóxicos. Adicionalmente, os produtores percebem o seu custo de produção como relativamente baixo, o que se traduz em rentabilidade atrativa, particularmente por que as vendas são à vista, como declarado pelo Entrevistado B.

“A vantagem de comercializar na feira é que você entrega, tem uma relação direta com o consumidor do teu produto, você recebe praticamente tudo à vista e entregando o produto ali pro consumidor acaba criando essa relação de produtor para consumidor, você tira o atravessador, então pode ter uma receita melhor pra você (produtor) e o consumidor pagar um preço melhor também” (Entrevistado B - Produtor).

As principais desvantagens estão nas perdas de produtos não comercializados ao final da feira (com impacto sobre a renda da produção orgânica), e o pagamento do aluguel pelo espaço onde a feira é realizada. Conforme declaração do Entrevistado C, abaixo:

“Olha agora como desvantagem a gente teve que pagar o aluguel na feira né, do espaço agora, porque a prefeitura não liberou mais o local, daí estamos pagando aluguel agora” (Entrevistado C - Produtor).

De acordo com o Art. 22 da Lei Ordinária municipal de Chapecó nº 7220/2019, todos os custos dos locais de feira livre são de responsabilidade dos agricultores. Conseqüentemente, o poder público municipal deixa de ser um agente incentivador, transferindo aos comerciantes e de forma indireta aos consumidores os custos de manutenção das feiras (FOSSÁ et al., 2018).

O processo de certificação não é reconhecido pelos feirantes como custoso. No entanto, o grupo se divide quanto aos desafios para adequar-se as normas para certificação. Cerca de 50% dos produtores não utilizavam antes da certificação fertilizantes sintéticos e agrotóxicos e, para este grupo, o processo de certificação foi relativamente fácil. Para os demais, a transição para o manejo orgânico foi mais desafiadora e demorada, levando até 5 anos para conseguir adequar a propriedade de acordo com as exigências da certificadora. O processo de certificação foi realizado através do sistema de certificação por participação. A certificação participativa é uma alternativa aos produtores que não conseguem pagar os custos dos sistemas privados de certificação.

Para 87% dos feirantes, a assistência técnica recebida durante o processo de certificação é satisfatória. Entre os insatisfeitos, destaque para a falta de conhecimento técnico dos profissionais que auxiliam no processo de certificação para resolver os problemas de campo.

A avaliação da assistência técnica pelos feirantes após a certificação é menos positiva (Figura 2). Nesta etapa, 37% se declararam insatisfeitos com a assistência técnica que recebem. Os principais problemas são a insuficiência das visitas realizadas, em muitos casos resumidas a uma visita ao ano. Para os agricultores, as visitas técnicas devem ter frequência de uma ou mais por mês. E não devem ser substituídas por reuniões e cursos, que são complementares ao trabalho técnico no campo. O relato dos produtores a seguir demonstra tal afirmação:

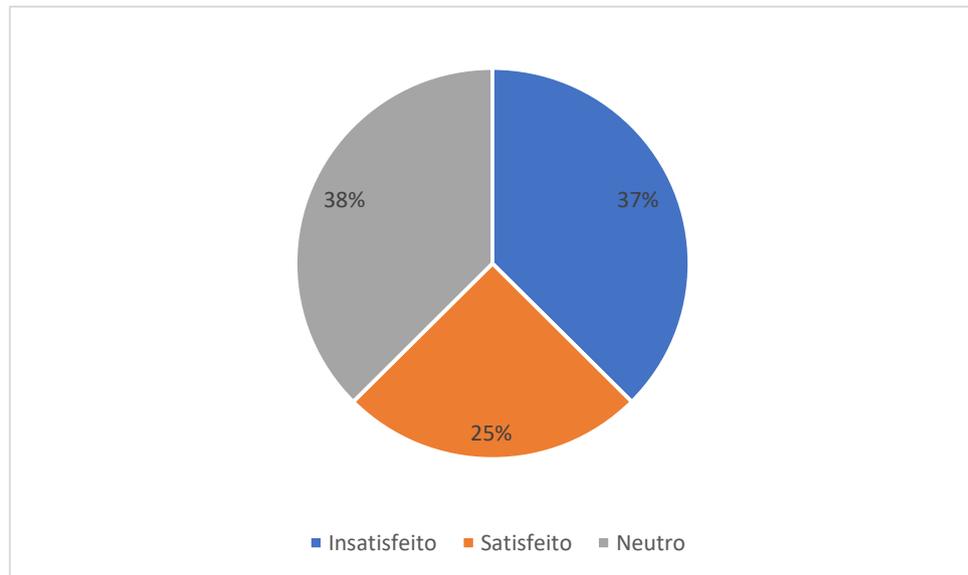
“Porém, gostaríamos que houvesse mais participação dos governos federal e estadual e nós não temos muito apoio, teríamos que ter mais recursos, mais técnicos acompanhando e incentivassem, levando sementes, ministrando cursos” (Entrevistado D – Produtor).

“A assistência é bem fraca, em relação a parte técnica, não é somente fazer reuniões e cursos, tem que acompanhar, tem que estar junto na propriedade, conhecendo a realidade de cada produtor, para desenvolver o trabalho. Atualmente a assistência técnica é muito em escritório, e é necessário que essa assistência seja na prática, no campo” (Entrevistado E – Produtor).

É um fato histórico a dificuldade encontrada pelos agricultores familiares no acesso a assistência técnica pública. Na produção orgânica, o acesso a assistência técnica é ainda mais difícil, pois os extensionistas não possuem preparação adequada voltada para a agricultura orgânica (BETTA, 2015). De acordo com Hleboski (2018), para que o produtor rural tenha êxito em sua produção é necessário que os produtores recebam mais assistência técnica, desde

o início das atividades até a comercialização, em razão de que é necessário um planejamento e visão empresarial do produtor para que o negócio seja produtivo e rentável.

Figura 2- Avaliação da assistência técnica recebida após a certificação orgânica em Chapecó-SC.

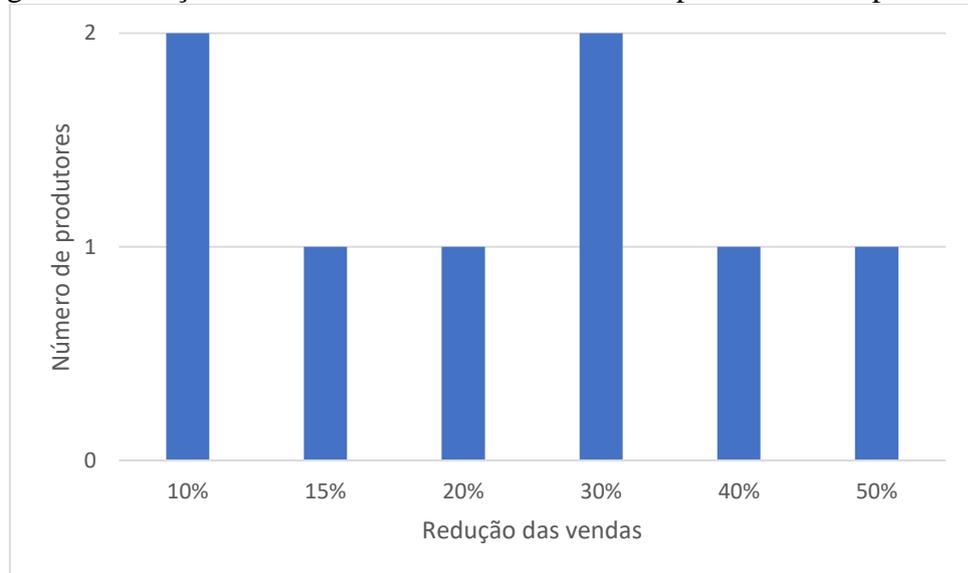


Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Do outro lado, 25% dos feirantes estão satisfeitos com a assistência recebida. Este grupo é formado por agricultores mais experientes (certificados há mais tempo) e autossuficientes. Segundo eles, quando as dúvidas surgem são bem assistidos pela assistência. O último grupo é representado por feirantes indiferentes quanto a assistência técnica recebida (38%).

A pandemia de Covid-19 resultou em importantes impactos sobre aspectos produtivos e, principalmente, na comercialização dos alimentos produzidos pelos feirantes. Os feirantes foram unânimes quanto a redução das vendas, principalmente pelo fechamento das feiras livres durante os períodos mais restritivos do isolamento social (Figura 3). No Brasil, as primeiras medidas para combater a disseminação do Covid-19, incluíram o fechamento de feiras e comércios de venda direta (SCHNEIDER et al., 2020). Um dos feirantes também vendia seus produtos para a alimentação escolar, o que também foi suspenso em vista do cancelamento das aulas presenciais.

Figura 3- Redução nas vendas nas feiras livres de Chapecó durante a pandemia.



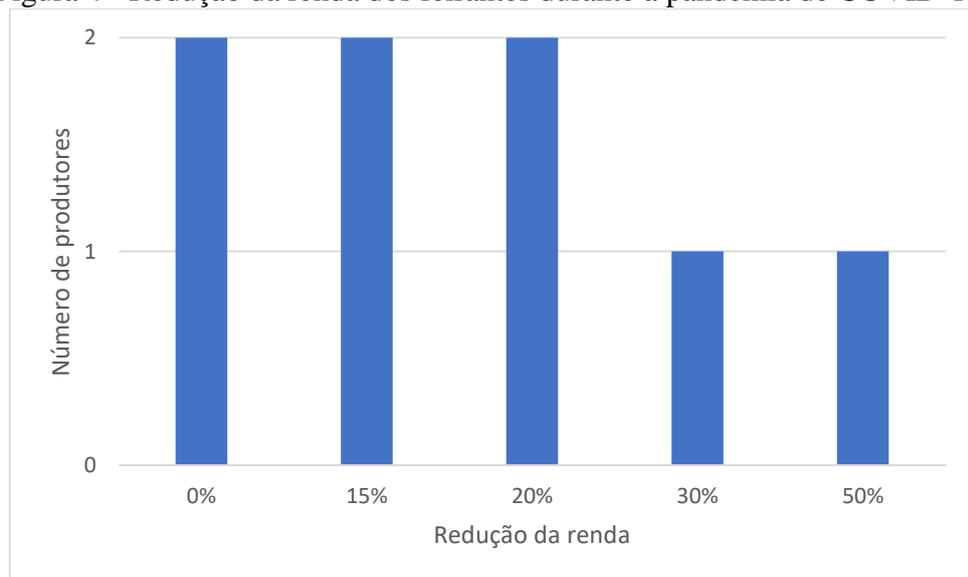
Fonte: Elaborado pela autora (2021).

O impacto sobre a redução das vendas dos feirantes variou entre de 10% a 50% (Figura 3). A maior redução ocorreu entre os feirantes que dependem da comercialização em restaurantes, cantinas e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). O fechamento abrupto de restaurantes e a suspensão das aulas teve impacto direto sobre a demanda de alimentos. Feirantes que comercializam sua produção exclusivamente nas feiras e nas unidades de produção foram menos impactados. Segundo Schneider et al. (2020), o cancelamento das aulas afetou significativamente o PNAE, causando impacto negativo no sistema de abastecimento alimentar local e de agricultura familiar. Porém, em abril de 2020 a Resolução n.02/2020 do Ministério da Educação (MEC), autorizou em caráter excepcional, o fornecimento de alimentos comprados via PNAE para serem destinados aos alunos. Mas alguns estados e municípios, acabaram comprando alimentos de grandes redes varejistas ou destinaram dinheiro as famílias, limitando o acesso a alimentos variados e saudáveis, gerando impacto direto na renda do agricultor familiar.

A renda dos feirantes também foi afetada pela pandemia (Figura 4). Alguns feirantes adotaram medidas sanitárias para continuar a comercialização em suas propriedades, mas a grande maioria adotou novos canais de comercialização, como a distribuição nas redes varejistas, delivery com cestas de produtos e criação de redes sociais para divulgação dos

produtos. Com tais estratégias, dois produtores não observaram diminuição na renda. Complementarmente, os consumidores aumentaram o consumo de produtos orgânicos e isso contribuiu para a manutenção das vendas pelos pequenos agricultores rurais. Schneider et al. (2020) relata que a atual pandemia de Covid-19, modificou a comercialização de alimentos, aumentando o número de compras virtuais. As novas formas de comercialização transformaram a forma como os produtores ofertam os produtos e as formas de entrega, diminuindo os impactos da pandemia na economia local. Segundo Cobi Cruz, diretor da Organis, no ano de 2019, apenas 1% das vendas eram feitas online e com a pandemia de Covid-19 esse percentual chegou a 20%. De acordo com a pesquisa da Organis, em 2020 o país apresentou um crescimento de 30% no segmento de produtos orgânicos e no início de 2021, 70% dos produtores orgânicos relataram aumento das vendas e incremento de exportações.

Figura 4 - Redução da renda dos feirantes durante a pandemia de COVID-19.



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Com o retorno das atividades nas feiras, os produtores adotaram medidas sanitárias para poder atender o público de maneira segura. Dentre as medidas no atendimento aos consumidores, todos os produtores citaram o uso de máscara, álcool em gel e lavar as mãos frequentemente. Além disso, os idosos que atendiam na feira foram afastados das atividades temporariamente, para evitar a exposição no contato com o público.

Todos os produtores pretendem manter os cuidados sanitários introduzidos durante a pandemia pois acreditam que assim vão evitar o contágio por outras doenças, como a gripe por exemplo. A maioria dos feirantes (6 de 8) acreditam que novas pandemias vão ocorrer no futuro.

De acordo com eles, o enfrentamento dos novos desafios deve ser construído a partir de cuidados sanitários e novas formas de comercialização, como cestas, vendas online e distribuição para as redes varejistas, como os mercados da cidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos, pode-se concluir que os produtores orgânicos que comercializam nas feiras livres do município se caracterizam pela agricultura familiar e pela preocupação (consciência) ambiental e social. Entre os principais objetivos está a promoção de uma alimentação mais saudável, a agregação de valor (renda) e o fortalecimento da relação com os consumidores através da venda realizada nas feiras.

Os resultados apontam para o fortalecimento da demanda por alimentos orgânicos, estimulada pela busca por alimentos mais saudáveis, particularmente a partir da pandemia de Covid-19, e a preocupação com o uso de agrotóxicos. A expansão do mercado, no entanto, também depende de estratégias e políticas públicas para promover a produção orgânica, com foco na assistência técnica e eficiência produtiva (escassez de mão de obra).

A pandemia de Covid-19 afetou diretamente os agricultores familiares, principalmente aqueles que comercializavam seus produtos em mercados locais e institucionais, pois com o fechamento das feiras livres e do cancelamento das aulas, os produtores perderam parte de sua produção, resultando assim em uma diminuição de sua renda. Porém, alguns produtores se reinventaram através da adoção de novas formas de comercialização (p.ex. venda online, cestas de produtos), as quais tendem a se manter após o período pandêmico.

REFERÊNCIAS

AAO, Associação de Agricultura Orgânica. **Agricultura orgânica**. 2021. Disponível em: <http://aao.org.br/aao/agricultura-organica.php>. Acesso em: 16 jul. 2021.

ALVES, Alda Cristiane Oliveira; DOS SANTOS, André Luis de Sousa; DE AZEVEDO, Rose Mary Maduro Camboim. **Agricultura orgânica no Brasil: sua trajetória para a certificação compulsória**. *Revista Brasileira de Agroecologia*, [S.l.], v. 7, n. 2, sep. 2012. ISSN 1980-9735. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/10085>. Acesso em: 16 ago. 2021.

APACO. **Consolidação da produção orgânica, da agricultura familiar através de capacitação e da certificação de produtos coloniais na Região do Oeste Catarinense**. Chapecó, 2021. Disponível em: <https://casa.org.br/wp-content/uploads/2020/10/e-book-fortalecimento-comunidades.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021.

BADALOTTI, R.M. (2003): **A cooperação agrícola e a agroecologia como base para a viabilização da agricultura familiar no Oeste catarinense: o papel da APACO e demais agentes sociais**. Florianópolis, UFSC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/84725>. Acesso em 12 jul. 2021.

BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO – BID. **Retos para la agricultura familiar en el contexto del Covid-19: evidencia de productores en ALC**. Washington: BID, 2020. Disponível em: <https://publications.iadb.org/publications/spanish/document/Retos-para-la-agricultura-familiar-en-el-contexto-del-COVID-19-Evidencia-de-productores-en-ALC.pdf>. Acesso em: 10 jun, 2021.

BETTA, Beatriz Miranda Dalla. **Agricultura familiar agroecológica e os desafios da extensão rural no Oeste Catarinense**. 2015. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Agronomia, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/159733/BEATRIZ%20MIRANDA%20DALLA%20BETTA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 jul. 2021.

BORGUINI, R. G.; TORRES, E. A. F. da S. **Alimentos orgânicos: qualidade nutritiva e segurança do alimento**. *Segurança Alimentar e Nutricional*, Campinas, SP, v. 13, n. 2, p. 64–75, 2015. DOI: 10.20396/san.v13i2.1833. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/1833>. Acesso em: 16 ago. 2021.

CAVALLET, B. V. **Produtos Orgânicos: aspectos gerais da sua comercialização em Chapecó (SC)**. 2015. 70 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Agronomia, Chapecó, SC, 2015. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1533/1/CAVALLET.pdf>. Acesso em 15 mai. 2021.

CONSELHO BRASILEIRO DA PRODUÇÃO ORGÂNICA E SUSTENTÁVEL (ORGANIS). **Organis apresenta crescimento do mercado brasileiro de orgânicos na**

Biofach eSpecial 2021. Disponível em: <https://organis.org.br/organis-apresenta-crescimento-do-mercado-brasileiro-de-organicos-na-biofach-especial-2021/>. Acesso em 16 ago. 2021.

DAROLT, M. R. et al. **Redes alimentares alternativas e novas relações produção--consumo na França e no Brasil.** Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. XIX, n. 2. p.1-22, abr./jun. 2016.

DEL GROSSI, M. **Efeitos crise Covid: análise nacional e agricultura familiar.** Centro de Gestão da Agricultura Familiar e Inovação. CEGAFI/UnB. Informativo julho 2020.

DIAS, V. V. et al. **O mercado de alimentos orgânicos: um panorama quantitativo e qualitativo das publicações internacionais.** Revista Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. XVIII, n. 1, p. 161-182, jan.-mar. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/asoc/v18n1/pt_1414-753X-asoc-18-01-00155.pdf. Acesso em: 05 jun. 2021.

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina. **SC é o 4º maior produtor de orgânicos.** EPAGRI. Disponível em: <https://www.epagri.sc.gov.br/index.php/2019/10/29/sc-e-o-4o-maior-produtor-de-organicos/>. Acesso em: 14 jun. 2021.

FAO – ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA ALIMENTACIÓN Y LA AGRICULTURA. **Panorama de la pobreza rural en América Latina y el Caribe: soluciones del siglo XXI para acabar con la pobreza en el campo.** Santiago, 2018.

FAVARETO, A.; CAVALCANTE FILHO, P. G. **Sete efeitos da pandemia sobre a agricultura e o Brasil rural e interiorano.** Especial Pandemia. Disponível em: <http://novosestudos.com.br/sete-efeitos-da-pandemia-sobre-a-agricultura-e-o-brasil-rural-e-interiorano/>. Acesso em: 1 jul. 2021.

FONSECA, M. F. de A. C. **Agricultura orgânica: regulamentos técnicos para acesso aos mercados dos produtos orgânicos no Brasil.** Niterói : PESAGRO-RIO, 2009.

FOSSÁ, Juliano Luiz *et al.* **Feiras livres da agricultura familiar: desafios e oportunidades no município de Chapecó-SC.** Revista Necat, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 1-15, 01 jul. 2020. Disponível em: <https://revistanecat.ufsc.br/index.php/revistanecat/article/view/4615/3552>. Acesso em: 02 jun. 2021.

GOTTSCHALK, I.; LEISTNER, T. **Consumer reactions to the availability of organic food in discount supermarkets.** International Journal of Consumer Studies, v. 37, n. 2, p. 136-142, 2013.

GUANZIROLI, C. E.; CARDIM, S. E. C. S. **Novo retrato da agricultura familiar: o Brasil redescoberto.** Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO, MDA Ministério do Desenvolvimento Agrário, Brasília, DF: INCRA/FAO, MDA, 2000. Disponível em: <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/novoretratoID-3iTs4E7R59.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

HLEBOSKI, Cleicemara Paula Valcarenghi. **Comportamento do consumidor de frutas, legumes e verduras orgânicas do município de Chapecó/SC**. 2018. 126 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/2763/1/HLEBOSKI.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Produção e consumo de produtos orgânicos no mundo e no Brasil**. Textos para discussão 2538. Brasília: Ipea, 2020.

KARAM, K. F.; ZOLDAN, P. **Dinâmica e estratégias da comercialização de produtos orgânicos em Santa Catarina**. Florianópolis/ SC: Instituto CEPA, 2003. 181 p. Disponível em: <https://sober.org.br/palestra/2/494.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2021.

KONRAD, Joice. **Agricultura familiar no oeste catarinense: da colônia à integração**. Uberlândia: Ufu, 2012. 18 p. Disponível em: http://www.lagea.ig.ufu.br/xxlenga/anais_enga_2012/eixos/1153_1.pdf. Acesso em: 19 jul. 2021.

KOSWOSKI, K., & CERICATO, A. (2016). **Desafios para a produção orgânica em propriedades rurais na agência de desenvolvimento regional (adr) de São Miguel do Oeste – SC**. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/index.php/pos-graduacao/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas-a-partir-de-2018/ciencias-sociais-aplicadas/especializacao-5/495-desafios-para-a-producao-organica-em-propriedades-rurais-na-agencia-de-desenvolvimento-regional-adr-de-sao-miguel-do-oeste-sc/file>. Acesso em: 04 jul de 2021.

MARQUES, F. C.; MELLO; M. A. **Produção de novidades: “desvios” da agricultura familiar no Oeste de Santa Catarina**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira e Economia, Administração e Sociologia Rural, 2009.

MATTEI, Lauro. **Rev. Econ. NE, Fortaleza, v. 45, p. 71-79, 2014 (suplemento especial)71 O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporâneo**. 2014. 9 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/documents/80223/205365/ren_2014_6_lauro_v2.pdf. Acesso em 18 jul. 2021.

MATTOS, Cleomar de. **Movimentos sociais e agroecologia no oeste de Santa Catarina - 2015 a 2019**. 2019. 61 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.

MAZUCATTO, M. **Capitalism’s Triple Crisis**. Project Syndicate, 2020. Disponível em: <https://www.project-syndicate.org/commentary/covid19-crises-of-capitalism-new-state-role-by-mariana-mazzucato-2020-03>. Acesso em: 18 jul. 2021.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Em 7 anos, triplica o número de produtores orgânicos cadastrados no ministério**. Brasília: Mapa, 1o ago. 2019a. Disponível em: <http://www.agroecologia.gov.br/noticia/em-7-anos-triplica-o-n%C3%BAmero-de-produtores-org%C3%A2nicos-cadastrados-no-minist%C3%A9rio-da-agricultura>. Acesso em: 10 jun. 2021.

OTA – Organic Trade Association. Organic Industry Survey. Disponível em: <https://ota.com/organic-market-overview/organic-industry-survey>. Acesso em: 25 jul. 2021.

PASQUALOTTO, Carina. **Estamos comendo melhor? Mudanças no consumo de alimentos orgânicos durante a pandemia do covid-19**. 2020. 17 f. - Curso de Pós-Graduação em Agronegócios, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <http://engemausp.submissao.com.br/22/anais/arquivos/241.pdf?v=1629137989>. Acesso em: 03 jun. 2021.

PAVAN, D; JUNIOR, S. S. **Fomento público para o fortalecimento da agricultura familiar: o caso das feiras livres de produtos coloniais e agroecológicos de Chapecó SC**. In: VIII Seminário internacional sobre desenvolvimento regional. Território, redes e desenvolvimento regional: perspectivas e desafios. Anais. 2017. Santa Cruz do Sul RS. 2017. Universidade de Santa Cruz do Sul.

PERON, Claymen Candido *et al.* **Produção orgânica: uma estratégia sustentável e competitiva para a agricultura familiar**. In: **viii simpósio sobre reforma agrária e questões rurais terra, trabalho e lutas no século xxi: projetos em disputa**, 8., 2018, Araraquara. **Simpósio**. Araraquara: Uniara, 2018. p. 1-15. Disponível em: https://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2018/6B/4_Claymen_Peron.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

POZZEBON, L.; RAMBO, A. G.; GAZOLLA, M. **As Cadeias Curtas das Feiras Coloniais e Agroecológicas: Autoconsumo e Segurança Alimentar e Nutricional**. Desenvolvimento em Questão, [S. l.], v. 16, n. 42, p. 405–441, 2017. DOI: 10.21527/2237-6453.2018.42.405-441. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/6057>. Acesso em: 9 jul. 2021.

PREFEITURA DE CHAPECÓ (Município). **Chapecó: Secretaria de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente de Chapecó – Sedema, 1997**. Disponível em: <https://www.chapeco.sc.gov.br/conteudo/36/desenvolvimento-rural-e-meio-ambiente>. Acesso em: 20 jul. 2021.

ROSA, Edegar de Oliveira. **Benefícios à saúde impulsionam agricultura orgânica**. 7. ed. Goiânia: Visão Agrícola, 2007. 2 p.

SCHMITT, C. J. *et al.* **La experiencia brasileña de construcción de políticas públicas en favor de la Agroecología**. In: SABOURIN, E. *et al.* (Org.). **Políticas públicas a favor de la agroecología en América Latina y el Caribe**. Porto Alegre: Evangraf/Criação Humana, 2017.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. **A agricultura familiar no Brasil**. Série Documentos de Trabajo nº 145 – Grupo de Trabajo: Desarrollo con Cohesión Territorial. Programa Cohesión Territorial. Programa Cohesión Territorial para el Desarrollo. Rimisp, Santiago – Chile, 2013.

SCHNEIDER, Sergio *et al.* **Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação**. Pelotas: Ufrgs, 2020. 22 p. SILVA, F. C. da. **Agricultura orgânica como**

processo territorial no município de Chapecó – SC. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Geografia. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2007.

SILVA, Sandro Pereira. **Políticas públicas, agricultura familiar e desenvolvimento territorial: uma análise dos impactos socioeconômicos do PRONAF no Território Médio Jequitinhonha - MG.** 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento econômico e Políticas públicas) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.

SPERB, P. **Como o MST se tornou o maior produtor de arroz orgânico da América Latina.** **BBC Brasil**, maio 2017. Disponível em: <https://bbc.in/2nGqcls>. Acesso em: 16 jul. 2021.

VERANO, T. C., FIGUEIREDO, R. S., & MEDINA, G. S. (2021). **Agricultores familiares em canais curtos de comercialização: uma análise quantitativa das feiras municipais.** *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 59(3), e228830. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.228830>.

VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro. **Coronavírus e os impactos no setor agropecuário brasileiro.** *Política Agrícola*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 1-7, 2020.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como um espaço de vida.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WILLER, H.; LERNOUD, J. (Eds.). Organic farming and market development in Europe and the European Union. *In: The world of organic agriculture: statistics and emerging trends 2019.* Frick: FiBL; Bonn: Ifoam – Organics Internacional, 2019.

YIN, R. K. **Estudo de Caso - Planejamento e métodos.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZOLDAN, P. C.; MIOR, L. C. **Produção orgânica na agricultura familiar de Santa Catarina.** Florianópolis: Epagri, 2012. 94p. Disponível em: http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/agriculturaorganica.pdf. Acesso em: 25 jul. 2021.

APÊNDICE A – Questionário Produtores

Este questionário destina-se a uma pesquisa de cunho acadêmico, aplicado aos produtores orgânicos certificados que comercializam seus produtos nas feiras-livres no município de Chapecó-SC.

1. Em que ano começou a realizar a comercialização na feira livre de Chapecó?

2. Quais produtos foram comercializados inicialmente?

3. Cite quais produtos comercializa na feira livre de Chapecó atualmente por ordem de importância (do mais vendido ao menos vendido)?

4. A oferta de produtos com certificação orgânica na feira livre de Chapecó

(quantidade e tipo) aumentou nos últimos anos?

Não ()

Se sim, quanto aumentou no volume de vendas (%) _____

e quanto aumentou na oferta de produtos (%) _____

5. Neste momento, sua produção orgânica, atende a demanda por produtos na feira livre de Chapecó?

6. Em caso de aumento da demanda por produtos orgânicos, teria condições de aumentar

sua produção?

7. Quais as expectativas em relação a demanda por produtos orgânicos (aumentar, diminuir, estabilizar)?
-

8. Em relação à sua produção, há interesse em produzir mais algum produto certificado, se sim, quais?
-

9. Quais as vantagens e desvantagens de realizar comercialização na feira livre de Chapecó?
-

10. Qual é sua avaliação sobre o processo de certificação orgânica (fácil/difícil; caro/barato)?
-

11. Quem lhe deu suporte durante o processo de certificação e qual sua avaliação sobre a assistência recebida?
-

12. Como avalia a assistência técnica disponível em Chapecó para produção de produtos

orgânicos?

De 1 a 5 – sendo 1 muito insatisfeito e 5 muito satisfeito

Frequência das visitas (1 – 5):

- () 1 - Muito insatisfeito () 4 - Satisfeito
 () 2 – Insatisfeito () 5 - Muito satisfeito
 () 3 - Neutro

Conhecimento técnico (1 – 5):

- () 1 - Muito insatisfeito () 4 - Satisfeito
 () 2 – Insatisfeito () 5 - Muito satisfeito
 () 3 - Neutro

13. De acordo com sua percepção sobre os consumidores da feira responda:

PANDEMIA

Qual impacto da pandemia sobre a produção de hortaliças certificadas?

- Houve impacto sobre a produção de hortaliças?

Se sim, descrever quais os impactos e de que forma afetaram a produção?

Qual o impacto sobre a comercialização de hortaliças?

- Houve impacto? Se sim, então descrever de que forma a pandemia afetou a comercialização de hortaliças (quantificar o impacto, p.ex. redução % das vendas durante quanto tempo e redução da renda agrícola % durante tal período)?

Medidas foram adotadas para o enfrentamento da pandemia?

Se sim, indicar quais medidas:

- sanitárias (proteção de pessoas – clientes e a família)

- produtivas (adotadas para compensar os impactos da pandemia sobre a produção)
- alguma medida adotada será mantida, mesmo após o final da pandemia (acesso a vacina por exemplo)?

Você espera que impactos similares aos da pandemia de Coronavírus possam se repetir no futuro?

Alguma estratégia está sendo ou será empregada para enfrentar (minimizar) impactos negativos no futuro?

Se sim, quais são as estratégias (ações, medidas, ajustes)